

Os índios e a última caravana

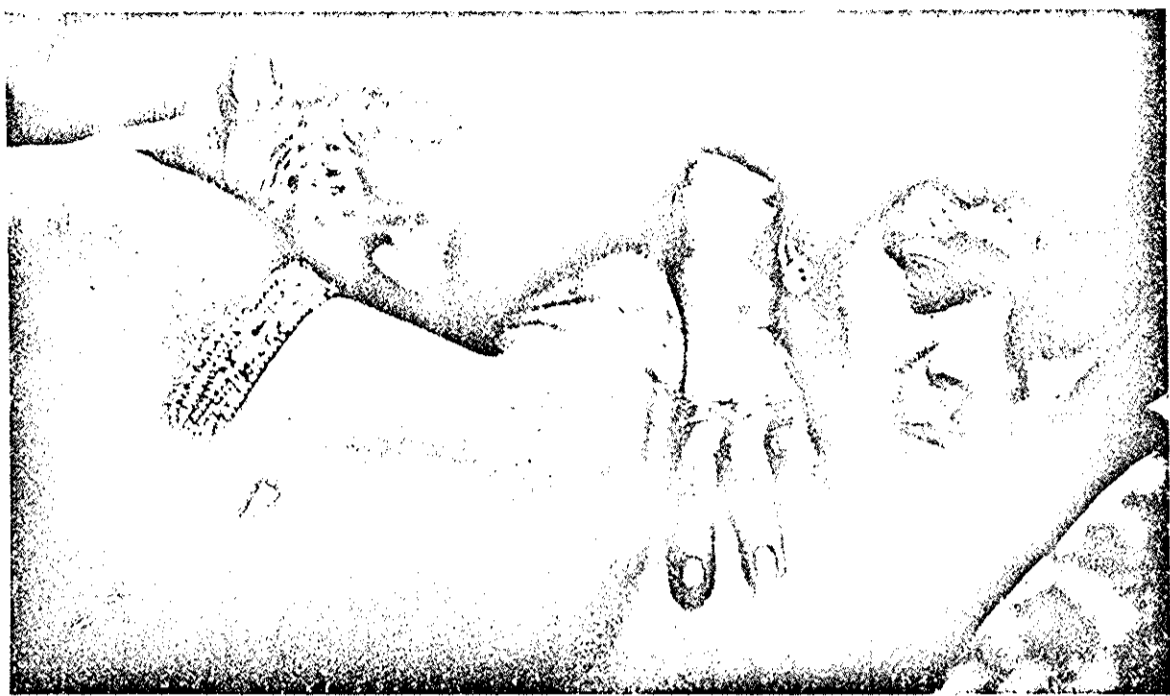
O maior projeto do governo e a difícil tarefa da FUNAI.

As novas estradas e os índios da Amazônia vivem numa constante e trágica contradição. Sempre que os tratores atravessam as regiões habitadas pelos índios, os índios são afastados de suas terras. Essa contradição está provavelmente chegando ao seu momento mais agudo.

A rodovia Perimetral Norte, que deve começar a ser construída nos próximos meses, vai cruzar uma vasta e praticamente selvagem região do país, onde calcula-se que vivam entre 10 e 30 mil índios. É uma espécie de última caravana a desbravar um pedaço do território brasileiro onde se concentram como se tivessem sido empurrados até lá dezenas de tribos e grupos indígenas, muitos dos quais jamais tiveram contatos com a civilização branca.

Para o governo, trata-se do mais ambicioso projeto rodoviário de todos os tempos, uma estrada que partirá de Macapá, no território do Amapá, e se estenderá por 3 mil e 300 quilômetros até Taumaturgo, a sudoeste do Estado do Acre, traçando uma meia-lua junto às fronteiras do Brasil com as Guianas, a Venezuela, Colômbia e Peru, cruzando todo o norte do Pará e do Amazonas e enveredando para o sul em direção ao Acre.

Para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), é a "tarefa mais difícil" da sua história promover segundo os seus próprios cálculos o contato com cerca de 52 tribos através de 15 equipes de sertanistas — o maior número já mobilizado de uma só vez — que deverão seguir para a área entre maio e junho deste ano. Na semana passada, a FUNAI, iniciando praticamente esse trabalho, enviou a Manaus o general Ismarth Oliveira, coordenador das operações da Amazônia, que esteve também em Belém para contatos com o pessoal do museu Emilio Goeldi e declarou considerar a construção da Perimetral mais difícil que a da Transamazônica. A respeito dos índios dessa região escreve Tiago Santiago.



Os índios que estão no caminho da Perimetral — como os alegres habitantes das margens do rio Catrimani, na região do alto rio Negro — e vivem isolados no norte da Amazônia não sabem ainda qual será o seu destino depois que a estrada levar o que se chama de civilização até as suas terras

Deixando de lado o problema de saber onde a FUNAI irá encontrar sertanistas experimentados para a tarefa que ela mesma admite ser "a mais difícil" de sua história, pois os sertanistas com experiência estão, em sua maioria, afastando-se ou sendo "congelados" por não concordarem com a atual política indigenista, fica ainda uma série de dúvidas.

A primeira dúvida é sobre o número exato de tribos e de índios que habitam a região. O levantamento mais preciso já realizado é o de José M. Gama Malcher, ex-presidente do Serviço de Proteção aos Índios, publicado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, em novembro de 1962. É nele que a própria FUNAI costuma se basear. Segundo Gama Malcher, 270 grupos tribais e não 52 viviam naquela área na década de 60.

A Perimetral Norte atravessará duas regiões culturais indígenas, conforme a divisão do antropólogo Eduardo Galvão (adotada por Malcher em seu livro), a Norte-Amazônica e a Juruá-Purus.

Na Norte-Amazônica há cinco sub-regiões, que são as seguintes:

1 — sub-região dos rios Uaçá, Oiapoque e Jari, no Território do Amapá e noroeste do Pará, até as fronteiras com as Guianas. Aí vivem sete grupos tribais, com, provavelmente, mil a 1500 índios, destacadamente os Galibi, Palikur, Meriô e Oiapoti, em geral em contato permanente ou intermitente com a frente colonizadora.

2 — sub-região do Pará setentrional, bacias dos rios Trombetas, Turunú, Panamá, Paru do Leste e Paru do Oeste, Nhamundá, Cachorro e Jatapu, estendendo-se até a fronteira com as Guianas e Venezuela. Aí vivem — sem respeitar as fronteiras — cinco grandes tribos e mais 110 grupos e subgrupos menores. As grandes tribos são Parukotó, com 16 grupos, num total de 800 índios; os Charuma, divididos em 11 grupos, ainda isolados na década de 60; os Warikyana, 12 gru-

pos, isolados ou em contatos intermitentes; os Pianakotó-Tirió, com 15 grupos, vários isolados ainda em 1965 (só os Tirió, da serra do Tumucumaque, eram uns 800); e os Wayana, quatro grupos em 28 malocas, 400 índios, isolados e hostis no começo da década de 60. Em levantamentos nessa área, um dos seus mais profundos conhecedores, frei Protásio Frikel, cita mais 69 grupos menores, referidos por Malcher.

3 — sub-região de Roraima e áreas limítrofes — bacias dos rios Alalau, Uraricoara, Catrimani e Cotingo, alcançando a fronteira com a Guiana ex-inglesa e com a Venezuela. Vivem aí 26 grupos e subgrupos, em geral pequenos, mas onde há algumas tribos importantes. Algumas delas, nos últimos anos entraram em contato nem sempre pacíficos com os civilizados, como os Wainiri e os Atroari. E mais os Jauaperi, Machacali, Taulipang. E os Macuchi, calculados em 3 mil índios em 1964, estes em grande parte integrados na frente colonizadora, como empregados de fazendas de gado, garimpeiros ou caçadores. Vivem espalhados em território brasileiro, da Venezuela e Guiana.

4 — sub-região do extremo norte da Amazônia, bacias dos rios Mapulá, Demeni e vizinhanças. Estende-se até o rio Içana, mais a oeste e até a fronteira com a Venezuela. Aí vivem 12 tribos, sete delas fazendo parte da grande família linguística Xiriana ou Ianonami, com uma população de 5 mil índios na década passada. Dividem-se em numerosos grupos e vivem numa área circular que tem como centro a serra de Parima.

5 — sub-região do noroeste e extremo oeste do Estado do Amazonas, fronteira com a Colômbia — bacias dos rios Igana, margem esquerda do Solimões, dos rios Içana, Uaupés e seus numerosos tributários. Está aí a maior concentração indígena do país, no mínimo 10 mil, no máximo, 20 mil. Estão agrupados em 54 tribos, destacadamente os 16 grupos Baniwa,

todos em contato permanente com a frente colonizadora. E os 24 grupos Tukana ou tribos influenciadas por sua cultura, muitos em contato permanente.

A segunda grande região que a Perimetral atravessará — a do Juruá-Purus — fica no sudoeste do Amazonas e oeste do Acre, estendendo-se até as fronteiras com Colômbia e Peru. Vivem aí 61 grupos tribais. Na parte amazônica, 33 tribos e na parte acreana 28, destacando-se os Cachinauá (500 índios em 1960), que habitam os rios Embira, Paraná do Ouro e Alto Muru. Atacados por seringalistas, muitos emigraram para o Peru.

Estas são as referências mais precisas e respeitadas existentes, embora um pouco desatualizadas. Mas não foram tornados públicos dados mais recentes, nem, ao que consta, foi feito outro levantamento. Fica, portanto, a dúvida: ou Malcher se enganou grosseiramente, o que é improvável, ou muitas dessas tribos desapareceram nos últimos 10 anos e a FUNAI ficou sabendo e não divulgou, o que poderia até ser provável, em parte. Ou, o que é mais razoável, a FUNAI está pensando em contactar apenas as tribos que estiverem dentro do traçado da estrada. Um critério estrito, já que a estrada revolucionará toda a região.

Economia de planos

A FUNAI vem-se referindo apenas à "atração" e "pacificação" dessas tribos. Não se disse ainda o que se fará com esses índios depois. Será algo semelhante ao que se tem feito com os índios "pacificados" na rota da Transamazônica?

Um rápido balanço desse trabalho mostra um quadro pouco animador. Os Paracanã, pacificados em 1971, vêm passando por uma amarga experiência, desde ter de conviver com um sertanista que quis se "integrar" no modo de vida dos índios, andando nu pela aldeia pintado de urucum (tinta vermelha de uma fruta), até a morte

de 40 membros da tribo contaminados por gripe e tuberculose. Os trabalhadores da estrada também resolveram se "integrar", dando presentes para os homens e mantendo relações sexuais com suas mulheres, ocasionando 35 casos de blenorragia. Por causa disso, logo em seguida, oito crianças nasceram cegas. O enfermeiro Brito, enviado à aldeia paracanã para combater um surto de gripe, surpreendeu um sertanista mantendo relações sexuais com uma índia dentro da enfermaria. Relatou o ocorrido ao sertanista Valtér Sanchez, o qual fez uma denúncia a seus superiores. Considerando que Sanchez não tinha provas — embora lâminas com gonococos tenham sido mandadas a Brasília — a FUNAI puniu-o com quatro dias de suspensão e o transferiu para um posto secundário.

Os Suruí também estavam na rota da Transamazônica. Depois da "pacificação" a única coisa que se soube deles — as notícias das aldeias são cada vez mais raras — foi que, em 1972, 20 índios morreram de tuberculose, conforme denúncia de um médico francês.

Dos Arara, aldeados perto de Altamira, não há notícias. Nem dos Apinagê, dos Assurini, dos Xicrin-djorê, dos Kubeim-Akako e nem do Karará. E eles também estavam no caminho da Transamazônica, conforme a própria FUNAI informou em seu *Trabalho Preliminar sobre a FUNAI e a Transamazônica*, de 1970. Terão, por exceção, sido felizes? Ou se reduzido apenas a "índios bons" (ver *O Índio Bom É o Índio Morto* em OPINIAO n.º 11, de 15 a 22 de janeiro de 1973)?

Se a FUNAI tem outros planos para os índios da Perimetral, ninguém ainda sabe. O que se sabe apenas é que, dentro em pouco, em Macapá e outros pontos, os tratores serão acionados. E milhares de homens se porão a caminho. Farão parte da última caravana. E a última caravana poderá ser diferente das outras?